

O DESENCANTAMENTO DE UMA FADA: ANÁLISE DA OBRA ONDE TEM BRUXA TEM FADA DE BARTOLOMEU CAMPOS QUEIRÓS

Haissa de Farias Vitoriano Pereira*
Joana Camila Lima Guedes**
Rafaella Cristina Alves Teotônio***
Prof^a.dr^a. Rosângela Maria Soares de Queiroz¹

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo analisar, a partir da psicanálise, a obra infantil "Onde têm bruxa tem fada..." de Bartolomeu Campos Queirós. O autor conta a história de Maria do Céu, uma fada que volta à terra com o intuito de realizar os desejos das crianças, mas se frustra ao perceber que o consumismo exacerbado e as convenções impostas pelo progresso tomaram conta dos sonhos dos pequeninos, e que a fantasia e a imaginação não têm mais lugar. Uma fábula nos moldes dos contos de fadas que abre discussões para compreender a relação do mundo infantil com o mundo adulto.

PALAVRAS-CHAVE: *psicanálise, desejos, consumismo, sonhos, fantasia.*

ABSTRACT: *This article aims to analyze Bartolomeu Campos de Queiros's work "Where there is a witch, there is a fairy..." making use of psychoanalysis. The author relates the story of Mary in Heaven, a fairy who returns to earth in order to fulfill the wishes of children, but is frustrated to find that the conspicuous consumption and the imposed conventions by progress took place in the children dreams. Fantasy and imagination have no place. The fable in fairy tales manner opens discussion to understand the relationship between the child's world and the adult world.*

KEY WORDS: *psychoanalysis, desires, consumerism, dreams, fantasy.*

Introdução

Imagine ser criança e viver num mundo onde a fantasia se extinguiu, onde o Capitalismo dita as regras e os caminhos que devemos seguir. Não há como viver a infância dentro do que ela é em essência se como crianças não podemos seguir os nossos desejos.

O conflito entre o mundo infantil e o mundo adulto acontece a partir dessa ideia, posta em questão pelo livro infantil de Bartolomeu Campos Queirós "Onde tem bruxa

* Alunas graduandas do 4º ano do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba

¹ Professora Doutora Orientadora do Artigo

tem fada...”. A fada Maria do Céu decide descer a Terra e realizar os desejos das crianças, mas se desencanta ao descobrir que o mundo foi dominado por desejos consumistas e pela burocracia imposta pelos adultos.

Segue assim a nossa análise baseada nos postulados teóricos de Freud e de alguns críticos literários que abordam a questão da psicanálise na literatura infantil, principalmente nos contos de fadas.

Para tanto deveremos entender como funciona a mente da criança, como esta entende e percebe o mundo que a rodeia, para podermos, enfim, entender o processo pelo qual ela transita entre o “princípio do prazer” e o “princípio da realidade”, conceitos defendidos por Freud e que refletem o conflito entre o mundo infantil, norteado essencialmente pelo prazer, e o mundo adulto, guiado pela necessária e inibidora realidade.

1- Entendendo a criança

Primeiramente, devemos entender a criança como um ser, segundo classifica Bruno Bettelheim (2008, p.68), primordialmente *anárquico, agressivo, sádico, egocêntrico*, ou seja, um ser que funciona de acordo com seus desejos e vontades, voltados essencialmente para seu prazer, que encara todas as coisas a partir de sua própria perspectiva e de seu próprio quadro referencial, dentro de uma perspectiva de que todas as demais pessoas vêem o mundo da mesma maneira que ela; partindo então desses pressupostos, a criança não compreende o mundo como ele realmente o é, nem as implicações contidas nas ações necessárias para se viver em sociedade, ela conhece o desejo, sente vontade ou falta de algo e quer rapidamente saciar-se, operando então o que conheceremos por *Princípio do Prazer*, uma necessidade de satisfação imediata; não existe um cálculo racional em cima das conseqüências, nem das burocracias existentes na aquisição de qualquer bem.

Quando a criança nasce, é alimentada pela mãe e conhece então a sensação de saciedade, a partir de então sua vida girará em função do bem estar, será movida pela falta; sempre que estiver insatisfeita com algo, seu corpo reagirá – diferentemente, de acordo com cada fase da infância – de modo que seus desejos sejam logo supridos, seja chorando, seja pedindo verbalmente ou mesmo por uma “birra”, o objetivo será sempre alcançar o alvo de modo imediato.

As necessidades da criança começam inicialmente por uma ação instintiva, uma questão de sobrevivência, se o seu corpo necessita de algo, ela apresenta uma reação orgânica, todavia a sensação de bem estar, mediante o suprimento da falta orgânica, vai tomando proporções que ultrapassam a necessidade de sobrevivência corporal, a criança vai percebendo que as vontades, quando atendidas, geram prazer; a partir de então, todos os seus desejos, sejam orgânicos ou frívolos, dentro de sua lógica, devem ser igualmente supridos.

Como o que informa o desejo da criança é o seu entendimento de mundo, suas vontades são, muitas vezes, de cunho absurdamente fantasioso para a lógica adulta. Desse modo, a criança tem dificuldades de comunicação, entendimento, e aceitação pelos mais velhos; isso contribui fortemente para aguçar seus questionamentos existenciais em relação ao mundo que a cerca. Esses fatores funcionam como uma espécie de munição para alimentar a necessidade que estas já têm de recorrer ao imaginário, ao fantástico.

2- Princípio do prazer X princípio da realidade

No livro "Onde tem bruxa tem fada..." nos deparamos com a estória de uma fada que cansa de ser idéia no céu e desce à terra para executar seu papel que seria realizar os sonhos das crianças; todavia, ao chegar à terra, ela percebe que as crianças não sonham mais, não acreditam em desejos realizados: "O mundo mudou", pensou Maria, idéia vinda do céu. "nem mesmo os meninos conhecem as fadas e seus poderes." (p.10)

É interessante observarmos o comportamento da criança apresentada no livro, um ser que perde o potencial imagético, a capacidade lúdica de sonhar, uma criança que é suprimida pelo sistema e se torna cética, acredita que a aquisição de qualquer bem só se dá mediante um pagamento, vejamos a seguinte passagem (p. 18):

- Sou fada. Vivi antigamente na terra, fazendo virar verdade todos os sonhos dos homens. [...] Um dia, saí da Terra para um repouso. Hoje voltei e posso atender a qualquer pedido. Peçam!

Mas menino algum abriu a boca.

Eles estavam misturados – assustados e encantados com os poderes da fada Maria do Céu.

De repente, um gritou:

- quanto custa, quanto?

- Nada – respondeu a fada.

- De graça? – perguntou outro.

Note-se que esse modelo de criança apresenta em si valores sociais arraigados na formulação de seus desejos, já não se pode querer apenas, existe um processo de consciência de um sistema burocrático, fato que infringe diretamente o *princípio do prazer*, como podemos observar em Freud (1969, p. 17 - 18): “todo movimento psicofísico que se eleve acima do limiar da consciência é assistido pelo prazer [...] o princípio do prazer é próprio de um método primário de funcionamento por parte do aparelho mental”, não há cálculo racional ou consciente que gere reflexões ou indagações sobre a execução de algo, o princípio do prazer obedece a uma necessidade de conforto e prazer imediato, sem passar pelos filtros sócio-culturais.

Em outra passagem do livro, bem emblemática, podemos observar ainda melhor como a criança opera esses mecanismos; para situar melhor o leitor, é importante saber que a Fada consegue juntar as crianças num bosque e discursa tentando convencê-las a desejarem algo, após muito falar, uma menina sussurra ainda com um pouco de medo (p. 20):

- Eu quero uma cama para dormir. Sem uma cama não posso pedir sonhos.

[...]

Com um gesto preciso, fez surgir, no centro da praça, uma cama de madeira polida e mais um colchão de algodão macio.

- é sua – disse a fada.

A menina, olhando de longe e com medo daquela verdade, respondeu:

- não quero mais. Não tenho casa para guardar a cama.

Nessa passagem, podemos observar que inicialmente a criança deseja a cama para poder sonhar, ela pede, ainda com certo receio, mas pede sem vacilar, desse modo ela opera seu desejo dentro do princípio do prazer; todavia, quando vê a cama no meio do bosque, percebe que falta a casa, que ela não pode ter uma cama no meio do nada, no entanto, sua reação dá lugar à consciência dos processos burocráticos da sociedade e ela não pede a casa, recusa a cama em virtude de não ter a casa, quando sua reação poderia ter sido apenas desejar a casa.

O princípio do prazer foi negado em detrimento de um cálculo racional, operando então a execução do princípio da realidade que é o adiamento do prazer mediante uma consciência de valores sociais, nesse ponto é importante entendermos que esses valores se estabelecem a partir de uma rede em que os adultos e tudo

aquilo que cerca as crianças informam – ou até mesmo “deformam” – o modo como estas vão perceber o mundo e farão suas escolhas. Como podemos observar em Terry Eagleton (2006, p. 245), “chegamos a ser o que somos por uma inter-relação de corpos – pelas complexas transações que ocorrem durante a infância ente nossos corpos e aqueles que nos cercam”.

Desse modo, podemos entender que as crianças são suprimidas por uma série de valores e concepções de moral pré-estabelecidas pela sociedade (os adultos); são encharcadas de informações que realizam de modo coercitivo a formação destas em futuros adultos “educados”.

3- Os sonhos e a linguagem infantil

Sonhar e fantasiar estão dentro do mesmo campo semântico, não é por acaso que as histórias infantis se assemelham a sonhos de tão fantasiosas que são. A linguagem metafórica usada pelos autores facilita a compreensão infantil, já que a criança percebe o mundo de forma lúdica e fantasiosa. Segundo Terry Eagleton (2006), Freud entende os sonhos como realizações simbólicas dos desejos inconscientes, simbólicas porque os sonhos não usam uma linguagem explícita, pois se usassem o efeito seria tão chocante e perturbador que não conseguiríamos dormir. O mesmo acontece nas histórias infantis, para que uma criança entenda a mensagem veiculada, os autores têm que se utilizar de metáforas fantasiosas, já que a sua percepção no âmbito da linguagem e da compreensão de mundo é bastante diferente da nossa.

O autor Bartolomeu Campos Queirós entende que a criança precisa de uma linguagem rica em alegorias para desvendar os mistérios de um texto literário e assim constrói um livro que utiliza uma linguagem poética e simbólica. Em *Onde tem bruxa tem fada*, tudo se passa como um conto de fadas que estivesse sendo contado por um adulto para uma criança, numa linguagem que ela absorve e se delicia.

A fantasia é tão presente na vida da criança que a literatura infantil tem como proposta a absorção desse mundo em suas histórias, Eagleton (2006) citando Lacan, explica a noção de imaginário para entender como a criança percebe o mundo linguisticamente. Lacan ao conceituar o “imaginário” afirma que a criança entende o mundo como metáfora, e que o significado e o significante estão unidos no signo como em Saussure, ela não separa o real do imaginário, “Ainda não se estabeleceu nenhum hiato entre significante e o significado, entre sujeito e mundo” (Eagleton 2006, p. 249). A linguagem humana é por si só metafórica, já que cada signo pressupõe a

ausência do objeto que significa, no caso da criança a presença da imaginação é infinita nesse processo:

“A linguagem é vazia porque é apenas um processo interminável de diferença e de ausência: em lugar de ser capaz de possuir alguma coisa em sua plenitude, a criança agora simplesmente passará de um significante para outro, ao longo de uma cadeia lingüística potencialmente infinita”.

(Eagleton 2006, p. 251).

As imagens trazidas pelas frases poéticas do livro comprovam a utilização da metáfora na construção do sentido do texto. Nas primeiras páginas de “Onde tem bruxa tem fada...” já percebemos a presença da poeticidade:

“Com as nuvens, costurou um vestido. Pediu emprestado os sapatos de um anjo. Arrancou sua estrela e colou na ponta de um pedaço de raio de Sol. Com retalhos de papel de seda – resto de papagaio solto de linha – construiu seu chapéu.” (p.5).

Em algumas páginas a poesia é explícita, o autor chega a construir alguns versos:

“Maria confundia a todos. Uns diziam:

É bailarina

é artista de circo que anda em arame

é moça de novela

visita de outras terras.

Outros teimavam que ela era

resto de carnaval

garota-propaganda

cigana que tira a sorte.” (p.7)

A presença do sonho no livro também nos traz a reflexão sobre a fantasia, que perdida no mundo moderno não consegue espaço nem mesmo nos desejos infantis que esmagados pelo capitalismo não conseguem mais transpor a barreira da realidade, antes transposta pelo imaginário infantil. Ao perceber tal ideia a fada Maria do Céu se sente inútil, pois as crianças já não desejam coisa alguma, a não ser coisas materiais que são facilmente conseguidas pelos “mágicos”, aqueles que detêm o poder.

Bartolomeu Campos Queirós lança assim a discussão: um mundo sem fantasia, sem desejos ou sonhos pode sobreviver? A resposta está com as crianças, mas nem mesmo elas sabem. Já discutimos aqui quanto à dicotomia do princípio do prazer versus o princípio da realidade, e o quanto as crianças são movidas pelos seus

desejos, e como esses desejos são suprimidos pelo sistema do mundo adulto. Os desejos para Freud estão inseridos no inconsciente, e o sonho é a manifestação desses desejos dentro de uma linguagem simbólica. O livro mostra que os desejos infantis foram sugados pela sociedade capitalista e que o sonho não pode existir sem o desejo “É que as fadas só realizam encantamentos quando pedimos” (p.10). Se os sonhos fazem parte do inconsciente, então estes refletem os mais puros desejos, os que ainda não foram reprimidos.

A narrativa do livro nos dá a ideia de que tudo parece um sonho, desde as primeiras páginas as pistas nos mostram a presença do sonho, “Maria do Céu escorregou pelo brilho da Lua até a Terra. Era um momento em que todos dormiam – até as ruas”. Os desejos estavam adormecidos, as crianças só pediam coisas materiais e a fada se esforçava para que elas desejassem algo como “coisas de alegrar o coração”.

Mas os desejos das crianças foram suprimidos pelo mundo capitalista e a incapacidade de sonhar torna o mundo sistemático e repressivo, a fada Maria do Céu mostra às crianças que ainda é possível a realização dos seus desejos, e o segredo para conseguir isso está com elas “No outro dia, os meninos acordaram mais donos do segredo”(p. 28). A utopia da criança como um ser puro e dono da força que trará um futuro melhor para o mundo são colocados no final do livro.

Conclusão

A partir da análise feita do livro “Onde tem bruxa tem fada...” procuramos entender como a criança enxerga o mundo que a cerca, e como esse mundo influencia na sua vida. Entendemos que a transição do “princípio do prazer” para o “princípio da realidade” provoca na infância uma perda de muitos desejos. Desejos que no mundo atual em que vivemos, a cada dia, suprimidos precocemente, o que torna a criança um ser moldado pela sociedade em que vive, sociedade esta regida pelos adultos.

Esta relação fundada na dicotomia “razão x fantasia”, que é a relação da infância com a fase adulta, só nos comprova que o mundo infantil está sendo sugado pelo mundo “inventado” pelos adultos, como mostra o livro de Bartolomeu Campos Queirós, que defende a utopia de um futuro melhor construído a partir da imaginação das crianças. Estas sendo os futuros adultos só criarão um mundo melhor se na infância puderem sonhar. Assim o livro traz um alerta para o excesso de consumismo e para a burocracia existente em nossa sociedade.

A mensagem utópica que passa o livro de Bartolomeu Campos Queirós só pode ser entendida em sua real essência pelas crianças, elas que conhecem o “segredo” que torna tal mensagem numa realidade possível, interessante pensar que até mesmo o autor do livro se recusou a responder qual seria o destino da fada Maria do Céu, deixando o livro assim sem o famoso “final feliz” tão comum aos contos de fadas canônicos, reflexo da tão suprimida imaginação adulta, e comprovação também da ideia de que somente as crianças podem responder às questões propostas pela fantasia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1969.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. **Onde tem bruxa tem fada....**São Paulo: Moderna, 2002.